



GT 025. Cidades, turismo e experiências urbanas

Juliana Gonzaga Jayme (PUC Minas) - Coordenadora,
 Lea Carvalho Rodrigues (Universidade Federal do Ceará) - Coordenadora,
 Wânia Maria de Araújo (Universidade do Estado de Minas Gerais e Centro Universitário Una) - Debatedora,
 Vera Maria Guimarães (UNIPAMPA) - Debatedora,
 Maristela Oliveira de Andrade (Universidade Federal da Paraíba) - Debatedora

Desde a 29ª RBA, coordenamos um GT, cuja proposta é contribuir para as discussões no âmbito da antropologia urbana e do turismo. Assistimos, de um lado, às políticas urbanas comuns nas metrópoles, em especial em suas áreas centrais e pericentrais, voltadas para as chamadas requalificações que, muitas vezes, vão ao encontro da ideia de marketing urbano, com intervenções em edifícios históricos, que se tornam lugares de entretenimento e consumo cultural. A memória é usada estrategicamente, valorizando o passado como mercadoria cultural, de modo que se frua história e cultura nesses lugares. Ademais, o turismo é uma atividade que pode impactar cidades de quaisquer portes, com efeitos na reconfiguração de espaços e na criação de lugares e paisagens. As cidades são, a um só tempo, lugares identitários (Augé) e de memória (Nora); espaços de dispersão, fragmentação e fluxos (Hannerz); espaços de encontro e de conflito. As cidades turísticas, por outro lado, parte suas singularidades, necessitam criar atrativos ao visitante, despertar seu interesse e suscitar desejos de ali estar, ver e viver experiências ímpares, distantes do cotidiano, o que cria um imaginário sobre elas via narrativas dos moradores, viajantes e empresas de turismo. Este GT acolherá propostas que resultem de pesquisas empíricas sobre essas temáticas e promovam articulações entre problemas teórico/metodológicos, práticos aos dois campos disciplinares, ou enfoquem diferentes dimensões analíticas sobre os temas

A(s) Feira(s) Central de Campo Grande

Autoria: Juliana Barbosa Lima e Santos Toyama

No ano de 2004, a Feira Livre Central de Campo Grande (MS) deixou de ser feita numa rua da cidade e desde então ocupa uma edificação implantada na Esplanada Ferroviária e renomeada como Feira Central e Turística. A edificação se trata de uma estrutura modular, com corredores ajardinados protegidos por uma cobertura feita em tenso-estrutura e possui elementos estéticos que remontam o estilo Shinden - arquitetura que era utilizada em épocas de Japão feudal, justificada sob a homenagem aos comerciantes de ascendência japonesa da feira. Se outrora a feira era um espaço misto e integrado de comércio, agora, protegida por grades e equipamentos de segurança particulares, ela é dividida em dois blocos principais: um destinado à gastronomia e outro, destinado ao comércio varejista. Este work procura refletir sobre os significados e contextos de sua transformação em cenário turístico, bem como a memória em torno da antiga Feira Livre Central. Nessa linha de raciocínio conseguimos observar existem sentidos diacrônicos nas dimensões do tempo, do espaço e da cultura. Compreender o tempo e o espaço como categorias tão importantes como a cultura para pensar a feira nos leva a perceber que a Feira Central, como a cidade, é um processo, e não um patrimônio cristalizado. Notamos assim que, também a Feira, como a cidade, não é apenas uma, mas várias: se por um lado ela é uma intervenção urbana, ela também é uma memória; se ela é a feira "dos japoneses", ela também é a feira dos artesãos; se ela é a feira do consumo, ela também é uma feira do trabalhador; se é uma feira para o turista, ela também é uma feira para o cidadão de Campo Grande; se ela é uma feira de distinção, ela também é uma feira de similaridades. Logo, decidimos organizar nesse work os olhares sobre este espaço e analisar as diferentes visões desse lugar simbólico e heterogêneo, bem como, buscar através



das diferentes perspectivas que compõe esse lugar, o ângulo pelo qual discussões se encontram e geram significados.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

